

## A SUBORDINAÇÃO INVERSA

Valter Kehdi  
USP

As gramáticas francesas vêm, já há algum tempo, dando atenção a uma curiosa construção sintática denominada “subordinação inversa”. Trata-se de algumas orações subordinadas introduzidas por *que* (após a oração principal); o que as particulariza é o fato de que, se reconstruirmos o período com outra conjunção subordinativa, ocorre uma inversão: a oração subordinada passa a principal e vice-versa. Ilustra-o bem o exemplo seguinte: “Le cardinal n’avait pas gagné la porte, *que* ses larmes, violemment retenues, débordèrent” (= “Avant que le cardinal eût gagné la porte, ses larmes... débordèrent”)<sup>1</sup>.

A referência mais explícita e sistematizada ao fato encontra-se no *Système grammatical de la langue française*, de G. Gougenheim<sup>2</sup>. Aponta o autor dois casos: um primeiro, em que a principal se torna uma subordinada adverbial temporal, subdividido em três itens; o segundo é o da principal que passa a subordinada adverbial condicional iniciada por (*même*) *si*. Acrescenta, ainda, que, dada a possibilidade de omissão da conjunção *que*, a maioria dos exemplos ilustra uma construção em que se dá uma variação estilística *que* / ausência de conjunção.

Observe-se, contudo, que o fenômeno já tinha sido observado por C. Ayer, na *Grammaire comparée de la langue française* (cf. § 303, 1, a), relativamente às orações temporais), bem como por Kr. Nyrop, que, no sexto volume de sua *Grammaire historique de la langue française*, faz uma referência genérica às condicionais (cf. § 150 – Rem. 1 e § 365 – 2º).

Dentre as gramáticas mais recentes, merecem menção, pela referência a novos casos, *Le bon usage*, de M. Grevisse, particularmente o § 270, com observações relativas ao discurso indireto livre (embora, aqui, se possa falar em elipse da oração principal); lembremos, também, a *Grammaire Larousse du français contemporain*, § 597, em que vários traços são mostrados em suas

---

<sup>1</sup> Cf. G. Gougenheim – *Syst. grammat. de la langue franc.*, p. 337-8.

<sup>2</sup> Cf. G. Gougenheim – *op. cit.*, p. 337-8.

múltiplas relações<sup>3</sup>. Não menos interessante é a *Grammaire du français classique et moderne*, de Wagner e Pinchon; salientem-se, especificamente, o § 603 – com importantes observações sintáticas, ausentes nas obras acima – e o § 702, em que se apresenta um novo exemplo de subordinação inversa no campo das adverbiais causais<sup>4</sup>.

Os três tipos de enunciação – frase coordenada, frase segmentada e frase ligada – propostos por C. Bally, em *Linguistique générale et linguistique française*, constituem o quadro que nos permite explicar o fenômeno em tela. Enfocaremos, especificamente, algumas considerações do autor sobre a frase segmentada. Esta é caracterizada como uma frase única, resultante da condensação de duas coordenadas; ressalte-se, porém, que a soldadura é imperfeita e possibilita a distinção de duas partes: uma, A, é o tema do enunciado, e a outra, Z, é o rema (em francês, *propos*).

O importante a observar é que entre A e Z deve haver, obrigatoriamente, uma pausa e que os elementos podem apresentar-se na ordem AZ ou ZA. Retomemos um dos exemplos dados por C. Bally: “*Cet élève (A), je l’aime bien (Z)*” (que também poderia apresentar-se sob a forma: “*Je l’aime bien (Z), cet élève (A)*”). A, em posição inicial, implica uma entoação ascendente; em posição final, deve ser pronunciado em tom baixo. Z, por sua vez, tem a entoação normal de uma frase independente. Portanto, pausa e melodia são características fundamentais das construções segmentadas<sup>5</sup>. Acrescente-se que, do ponto de vista sintático, o elemento A é como um apresentador do enunciado de Z e corresponde a uma oração subordinada; no exemplo acima, *cet élève* equivale a “*puisqu’il est question de ...*”, “*s’il est question de ...*”.

Embora as explicações de Bally sejam detalhadas, procuramos selecionar o que consideramos fundamental para o esclarecimento do fenômeno que nos ocupa. A subordinação inversa revela-se como uma construção segmentada de seqüência AZ, que ilustra o intercâmbio entre oração principal e oração subordinada; tomemos, a título de ilustração, o exemplo:

<sup>3</sup> Como a exploração desses traços transcende os limites do tema em questão, não nos ocuparemos disso, aqui. Ressaltemos, contudo, a importância de uma leitura atenta do parágrafo mencionado.

<sup>4</sup> Referência especial cabe também à *Synt. du franç. mod.*, de Georges e Robert Le Bidois, pelos vários parágrafos dedicados ao assunto (sobretudo no 2º volume), e que mereceriam uma resenha à parte, na qual fossem englobados outros casos de subordinação adverbial. Assinale-se que os autores não utilizam a expressão “subordination inverse”.

<sup>5</sup> Queremos ressaltar a atualidade das considerações de C. Bally; melodia da frase, construções intervirladas (e móveis), problemas de tematização são tópicos que vêm chamando cada vez mais a atenção dos sintaticistas.

“*L’hiver n’était pas encore achevé* (A) | que je me remis à voyager (Z)”  
(Descartes, Méth. III)

Com efeito, o primeiro segmento corresponde a uma subordinada adverbial temporal introduzida por *avant que*. A pausa estabelece uma ligação frouxa entre os dois elementos; a presença do *que* (semanticamente, a mais vazia das conjunções subordinativas) reforça um pouco a ligação, mas observemos que é facultativo. A coesão fraca possibilita a permuta entre A e Z:

“Je me remis à voyager, que l’hiver n’était pas encore achevé”.

Podem ser feitas as mesmas observações com relação ao período: “*Vous me menaceriez* (A), que je ne céderais pas (Z)”. Entretanto, neste caso, não é possível a permuta das orações; como a primeira corresponde a uma subordinada adverbial condicional, e a segunda, à principal, não é possível, nesse período, inverter a relação de condição e resultado. Parece-nos, portanto, uma restrição de caráter semântico, com implicação sintática (a não-permuta), o que nos permite justificar o agrupamento das subordinadas inversas em dois blocos – temporais e condicionais –, de acordo com a proposta de G. Gougenheim, acima apresentada.

Embora Bally vincule as construções segmentadas, em francês, à expressividade (em função dos efeitos de *expectativa* e *surpresa*), cremos que o fator principal reside na perda das flexões e na conseqüente ordem rígida dos termos oracionais (aspectos timidamente enfatizados pelo autor), o que resultaria na procura e ampla utilização de recursos expressivos, com particular destaque para a chamada construção segmentada, que ocorre em português com mais parcimônia. Todavia, não são inexistentes exemplos de subordinação inversa em nossa língua. Assim, em:

“Pudesse eu, *que* de boa vontade lho cedia: (...)” (V. Nemésio, *Mau tempo no canal*, 376).

Notem-se a pausa que antecede o *que* e a possibilidade de omissão dessa partícula; sem a conjunção subordinativa, a oração por ela introduzida é indiscutivelmente a principal.

Apresentam-se, como em francês, as subordinadas adverbiais temporais introduzidas por *apenas* ou *mal*. Os advérbios *apenas* e *mal* substituem o latim *vix*, que tinha como correspondente na oração seguinte a conjunção temporal *cum*. Com a omissão do elemento correspondente a *cum*, esses advérbios adquiriram o caráter de conectivos e, assim, as orações por eles introduzidas tornaram-se subordinadas<sup>6</sup>. De uma construção como “*Apenas* chegou, *quando*

<sup>6</sup> Cf. Epifânio Dias – *Sint. Hist. Port.*, § 399.

todos saíram”, com a elipse de *quando*, obtém-se: “Apenas chegou, todos saíram”; acresça-se a sinonímia de *apenas* com *logo que*, o que determina facilmente a passagem de *apenas* a conjunção. Dessa forma, a segunda oração, de subordinada que era, passa a principal. As mesmas considerações são válidas para *mal* (e *nem bem*).

Ressalte-se, contudo, que há casos, em português, que poderiam, de certa perspectiva analítica, ser interpretados como ilustrativos de subordinação inversa, mas, examinados mais profundamente, não o são.

À p. 47 de sua *Teoria da Correlação*, J. Oiticica discute um caso curioso, com base no período: “Fiquei alegre, *tais* foram as notícias”. A presença de *tais* e o valor de conseqüência da primeira oração levam-no a postular um caso de construção correlativa, em que a subordinada adverbial consecutiva aparece mascarada de principal (*Fiquei alegre*) e, para efeito de análise, propõe que se restabeleça a construção primitiva: “As notícias foram *tais*, *que* fiquei alegre”<sup>7</sup>. A ênfase na conseqüência teria levado a oração correspondente para a posição inicial, com a omissão do conectivo. Dessa forma, poderíamos ver, aqui, um exemplo de subordinação inversa (diferente, contudo, dos acima examinados).

Assinale-se, todavia, que o período acima é justaposto. Das duas orações que o constituem, a segunda não pode funcionar como enunciado independente; em *Tais foram as notícias*, a posição inicial do pronome implica a ligação obrigatória com algo que antecede. Trata-se, portanto, de um segmento subordinado; na verdade, a segunda oração é uma subordinada adverbial causal justaposta. Saliente-se, também, o fato de que a relação de causalidade comporta dois termos: causa e efeito; na subordinação causal, subordina-se a causa, e na consecutiva, o efeito. No exemplo em tela, o sintagma subordinado é o que exprime a causa. Todas essas observações permitem-nos considerar que não se configura, aqui, um caso de subordinação inversa, diferentemente da posição de J. Oiticica.

Outra construção que poderia levar-nos a postular a existência de subordinação inversa, em nossa língua, é a representada por períodos como “Há dias que não chove”. Várias análises vêm sendo propostas para esse tipo de período e não cabe, aqui, discuti-las todas exaustivamente. Contudo, uma das possibilidades deve reter nossa atenção: a mais generalizada, que considera *Há dias* como oração principal, e *que não chove* como subordinada adverbial temporal<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> A mesma posição de J. Oiticica é defendida por C. Ayer – *Gram. comp. ...*, § 308 (p. 667).

<sup>8</sup> Para uma síntese das várias propostas, consulte-se E. Bechara – *Mod. Gram. Port.*, p. 503-4.

O exame da construção justaposta correspondente – *Há dias não chove* – indica, com clareza, que *há dias* é a temporal; prova-o o fato de esse segmento não poder constituir um enunciado independente aceitável, sendo, portanto, o elemento subordinado. Já em *Há dias que não chove*, constata-se uma inversão de funções, o que possibilitaria pensar em subordinação inversa. Lembre-se, entretanto, que a conjunção que introduz esse tipo de construção é facultativa e, sobretudo, deve estar antecedida de pausa. Esta última característica não se verifica no exemplo em questão, o que mostra não tratar-se de construção segmentada; acresça-se que a oração *que não chove* é indispensável. Note-se, ainda, que a inicial passa a subordinada adverbial temporal por simples justaposição, em decorrência da elipse do *que*, diferentemente do que ocorre com as construções temporais de subordinação inversa, nas quais, além da omissão do conectivo, é possível, em alguns casos, a permuta entre as orações constitutivas.

Por outro lado, numa perspectiva diacrônica, é digno de nota um caso de subordinação inversa em português: a passagem de *embora* a conjunção subordinativa concessiva, em orações optativas em correlação com a partícula *que*: “*Ria embora quem quizer, que eu em meu siso estou*” (Gil Vic.)<sup>9</sup>. Em decorrência do contraste resultante do contexto, o advérbio *embora* torna-se conjunção concessiva e dá-se a omissão do *que*; a segunda oração passa a principal, e a primeira adquire o caráter de subordinada, iniciada por *embora*: “*Embora ria quem quizer, eu em meu siso estou*”<sup>10</sup>.

Finalmente, cumpre salientar que, na subordinação inversa, apesar do caráter facultativo do conectivo, estão presentes outros traços importantes de subordinação: a pausa, a entoação, a seqüência temporal, as possibilidades de permuta, a coesão. Ainda que essa construção sintática seja praticamente desconhecida em nossa língua, é fundamental que se dê maior atenção a esses traços, também presentes em outras estruturas subordinadas, com o objetivo de hierarquizá-los e caracterizar, com mais clareza e rigor, a subordinação em português.

---

<sup>9</sup> Cf. S. Ali – *Gram. Hist. da Língua Port.*, § 949.

<sup>10</sup> Id. – *ibid.*, § 950.

**Bibliografia**

ALI, M. Said. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 5.ed., São Paulo, Melhoramentos, 1965.

AYER, C. *Grammaire comparée de la langue française*. 4.éd., Paris, Fischbacher, 1900.

BALLY, Charles. *Linguistique générale et linguistique française*. 4.éd., Berne, Francke, 1965.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl., Rio de Janeiro, Lucerna, 1999.

CHEVALIER, Jean-Claude *et alii*. *Grammaire Larousse du français contemporain*. Paris, Larousse, 1964.

DIAS, A. Epifânio da Silva. *Sintaxe Histórica Portuguesa*. 4.ed., Lisboa, A.M.Teixeira, 1959.

GOUGENHEIM, Georges. *Système grammatical de la langue française*. Paris, D'Artrey, 1962.

GREVISSE, Maurice. *Le bon usage*. 11.éd., Paris-Gembloux, Duculot, 1980.

LE BIDOIS, Georges & LE BIDOIS, Robert. *Syntaxe du français moderne*. 2.éd., Paris, A.Picard, 1968 (2 vol.).

NYROP, Kr.. *Grammaire historique de la langue française*. Paris, A.Picard, 1930 (t. 6ème.).

OITICICA, José. *Teoria da Correlação*. 2.ed., Rio de Janeiro, "Org. Simões", 1962.

WAGNER, Robert L. & PINCHON, Jacqueline. *Grammaire du français classique et moderne*. éd.revue et corrigée, Paris, Hachette, 1991.